

[entrevista]

**Uma referência na pesquisa
que alicerça a moda no Brasil**

Ana Claudia de Oliveira¹

Entrevistadora:
Kathia Castilho ²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7375-2615>

Entrevista realizada em São Paulo, no dia 18 de março de 2021.

A vida nos coloca frente a frente com mestres que vão nos deixando marcas, ora mais, ora menos profundas, e nos modelam com seus exemplos e possibilidades de existência. Não tive muitas oportunidades de realizar entrevistas, mas esta fiz questão de propor à direção da revista **dObras** e me dedicar com atenção e cuidado não apenas pela imensa admiração que tenho pela professora Ana Claudia, mas pelos grandes ensinamentos acadêmicos e humanos, ambos de alta vibração e de profundos exemplos, que o fato de estar ao lado dela tem me proporcionado.

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira é uma mulher apaixonada pelo que faz, nos atrai e encanta com seu fazer. Exige dos que estão ao seu lado paixão, dedicação e entrega. A pesquisa não é uma parte da sua vida, é toda ela, pois perpassa todos os seus fazeres e constrói alicerces profundos nos relacionamentos pessoais e acadêmico-científicos. Assim, o simples compartilhar de um saboroso cafezinho com a professora Ana Claudia passa a ser um evento estésico, cheio de observações sensoriais, espaciais, de proporção, combinações cromáticas e, portanto, leitura! Sim, a noção de texto se expande na semiótica. Textos visuais, espaciais, sensoriais.

Sem dúvida, essa foi minha primeira experiência, fascinante, de ler os trajes na inserção de obras de arte em que cada item do vestuário, ao vestir o corpo, dirige o olhar e determinada cena ao leitor/observador. Também foi minha primeira experiência em compor um grupo de estudos, comprometido e interessadíssimo ao estudarmos os afrescos de Piero della Francesca. Discutíamos sobre gestualidade, corpo em cena, como suporte do traje, como texto da obra.

Formar o meu olhar como leitora da moda enquanto comunicação me possibilitou pesquisar o tema por meio de perspectivas muito diferentes nos estudos da semiótica e representou, para mim, uma imensa oportunidade de crescimento que levei para meu trabalho em sala de aula e nas diferentes pesquisas que ali empreendemos.

¹ Pós-doutoramento em Semiótica na E.H.E.S.S. com A. J. Greimas (1989-1991) e com E. Landowski (1992-1994). Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Codiretora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas – CPS. E-mail: anaclaudiamei@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2458418074368433>.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Cofundadora da Abepem e editora responsável pela Editora Estação das Letras e Cores. E-mail: katcast@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/607963340470066>.

A dedicação e o interesse de Ana Claudia em incluir e ampliar oportunidades de estudo, favorecendo o crescimento na pesquisa, me fizeram estar no Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS) desde a sua fundação. Devo dizer que a cada ano o convite de estar e pertencer ao grupo foi e é renovado com possibilidades e oportunidades diferentes. O CPS abriga um ateliê de Estudos de Moda, o qual, prazerosamente, coordenei por algum tempo. Tive a honra de contar com a parceria de Ana Claudia em todos os estudos e iniciativas que levei para meu campo de pesquisas, sendo a Moda, à época, uma área jovem e em formação. Assim, nesse convívio de extrema parceria, entendi o que é ter e o que é ser uma orientadora e me inspirei na seriedade da pesquisa, no desejo de construção de um campo do saber baseado em trabalho, ética e paixão por uma área e um campo de estudos.

Quando tive a oportunidade de orientar pesquisas, procurei seguir o modelo de parceria e relação de cumplicidade com o pesquisador e seu objeto de interesse muito mais do que técnicas de produção de dissertação ou tese. Busquei encontrar na vida acadêmica a vibração positiva e plena de entusiasmo que ainda sinto nos encontros dos núcleos de estudos formados por orientandos da professora Ana Claudia e convidados.

Esta entrevista que você vai ler durou meses de um vaivém de perguntas e respostas que foram abrindo campos da memória. Acredito que tenhamos como resultado uma retrospectiva da formação da pesquisadora, da pesquisa e da área de estudo da qual a Moda, aqui, tem uma importância prioritária. Um documento de processo! E se lamentamos sempre a falta deste e da memória de pesquisa no Brasil, aqui registramos fatos, processos, documentação do estudo da semiótica na moda e seus desdobramentos.

É com muito orgulho que me lembro da minha chegada à PUC-SP, procurando orientação para estudos na área de Moda no mestrado do Programa de Comunicação e Semiótica, e fui então recebida pela Profa. Dra. Lucia Santaella que, na época, era a coordenadora e me indicou aguardar a chegada da minha futura orientadora, que finalizava uma pós-graduação sobre vitrinas em Paris, tema muito próximo à moda e que possivelmente aceitaria me orientar. Estávamos em 1994. Fui a primeira a pesquisar Moda no programa de Semiótica da PUC-SP e certamente uma das mais apaixonadas pelos estudos, pesquisas e contatos que por ali fui fazendo e onde tenho, sem dúvida, desde sempre, grandes interlocutores e amigos.

Fico muito feliz em apresentar esta entre(vista) para vocês. Espero que leiam nas linhas e entrelinhas do pensar a educação, a formação e a ética da pesquisa no Brasil.

Agradeço à diretoria da revista **dObras**] essa oportunidade e ofereço minha gratidão infinita à orientadora e amiga Ana Claudia, pelos ensinamentos, exemplos, parceria, seriedade e amizade.

E vamos lá... Ótima leitura!

Ana Claudia, como você chegou à semiótica? O que estudou? O que lhe interessou como objeto de estudo que a levou para essa área?

A sua pergunta é uma oportunidade para sistematizar toda a minha carreira, sinteticamente, é claro. Ela foi inteiramente trilhada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1975, eu me graduei em Língua e Literatura Vernáculas pela PUC-SP e, em 1976, em Propaganda e Marketing na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Nessa época, comecei o meu primeiro estágio na área de propaganda quando fui chamada para participar de um curso voltado à pesquisa de implementação de uma nova disciplina no currículo do Ciclo Básico da PUC-SP. Era um projeto-piloto desenvolvido desde 1973 por um grupo de seis professores dirigido pela Profa. Dra. Elza Miné da Rocha e Silva, com a participação de docentes das áreas de Língua Portuguesa, Linguística, Literatura e Semiótica. A nova disciplina seria dirigida a cursos dos Centros de Ciências Humanas e de Educação, Jurídicas e Atuariais com as suas diversas faculdades. Tempos de ditadura e o Ciclo Básico era uma inovação que tinha feito o diferencial de minha opção por estudar na PUC-SP. Contava até então com matérias como Antropologia, Metodologia Científica, Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo e Psicologia, às quais se acresceria em 1976 Comunicação e Expressão Verbal. Voltada para a produção da leitura e da redação, a ênfase dessas disciplinas estava nos processos comunicacionais, ou seja, ao introduzir o aluno em um grupo de trabalho de exploração da expressão em língua portuguesa, oral e escrita, com o visado desenvolvimento de leitura crítica posicionada na sociedade brasileira, construíamos, docentes e discentes, um percurso para inserir nas salas da universidade um sujeito participativo, desenvolvendo-o para torná-lo um profissional comprometido com o contexto sócio-político-econômico-cultural.

A equipe dirigente partiu de uma pesquisa das necessidades dos alunos do primeiro ano e dos professores desse corpo discente que, a partir do levantamento da performance em leitura e redação, de dados educacionais, montou-se o programa de ensino pautado pela criação de materiais didáticos especialmente para esse aluno. Assim, a pesquisa continuou para o novo corpo de professores, a maioria ex-alunos do Ciclo Básico da universidade e recém-formados como eu, e a docência funcionou como um laboratório interdisciplinar. Essa prática de experimentações na docência logo me levou a decidir por deixar o mercado profissional da publicidade e inscrever-me no curso de Pós-Graduação. A escolha pela pós se deu na graduação quando fui monitora de morfossintaxe, porque sempre me sentia apaixonada tanto pelas teorias linguísticas quanto pela literatura, cuja abordagem era iluminada pela semiótica de Ch. S. Peirce e pelas disciplinas de Língua Portuguesa. A abrangência dos estudos das várias linguagens que fazem o nosso contexto sócio-econômico-cultural me motivou a me inscrever no segundo semestre de 1976 na Pós em Comunicação e Semiótica. Foi uma escolha por uma área que podia englobar e articular as demais, uma vez que era a articulação das áreas de minha formação que eu visava.

Meu orientador era Décio Pignatari e não poderia haver escolha melhor ter trabalhado com ele ao longo do mestrado e grande parte do meu doutorado antes de ele integrar o corpo docente da FAU-USP, quando passei a ser orientada por Fernando Segolin. Manifestações diversas da arte e de objetos do cotidiano, como as cestarias dos índios brasileiros e

a Antropologia Estrutural, guiavam-me na busca das rupturas expressivas entre abstração geométrica e representação mimética que marcaram, ao longo da história humana, os modos de vida dos povos em contextos de desarmonia (abstração geométrica) e em harmonia (mimetismo) com o circundante. Com a dissertação *Neolítico: arte moderna/progressão: reprogressão*, defendida em 1983, comparei duas revoluções que se aproximam pelas manifestações da geometria abstrata: a do neolítico e a da arte moderna como proposições de modos de expressão em face das adversidades de um estar na disjunção entre homem e mundo. Com essa pesquisa, ganhei o Prêmio de Melhor Dissertação da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo em 1985, que possibilitou a publicação do estudo pela Editora Perspectiva (*Coleção Debates*, n. 202).

Muito animada, inscrevi-me no doutorado e caminhava em direção de abordar a gestualidade em lugares públicos, como estações rodoviárias, ferroviárias e aeroportos. Nesta trajetória, cumpridos os créditos na Pós de Comunicação e Semiótica, fui fazer créditos complementares do curso de doutorado na Indiana University, no centro dos Estados Unidos, que recebia, no verão de 1986, o Dr. Adam Kendon, estudioso inglês especialista em gestualidade aborígine da Papua-Nova Guiné e da Austrália. A relação entre as linguagens dos gestos e a verbal nas interações face a face, denominada também de comunicação não verbal, foi o foco de suas aulas com descrições e análises. Estava muito entusiasmada! Contudo, aconteceu que, em uma visita de fim de semana na Galeria Nacional de Artes de Washington, deparei-me com a impressionante tela da Última Ceia, de Salvador Dalí (1955). No seu grande formato de 167 cm de altura por 268 cm de largura, o óleo sobre tela me converteu em um dos apóstolos-fiéis ajoelhados na mesa-altar na qual se celebra, a cada ceia, a transfiguração de Jesus homem que, da terra, é alçado aos céus e, no centro do dodecaedro, que abriga os 12 corpos dos homens, com os braços abertos, Jesus translada-se do reino dos homens ao de Deus, sob a iluminação de raios solares que irradiam um novo amanhecer. O impacto dessa obra sobre mim foi decisivo e produziu uma ruptura no objeto de estudo do doutorado que se transformou e passou a ser a relação tradutória da palavra dos textos dos Evangelhos nas Santas Ceias pintadas do *Quattrocento*, Renascimento, Barroco até a Modernidade por meio da disposição dos corpos, posturas, proxêmica, expressões faciais, gestos e movimentos que, na articulação de linguagens faladas, na pintura, o verbal. Comparando as falas dos distintos Evangelhos em diferentes pinturas, abordei as questões de tradução intersemiótica, intertextual e interdiscursiva. *Fala gestual* é o título da minha tese de doutorado, igualmente publicada pela editora Perspectiva, em 1989. As questões da tradução intersemiótica tornaram-se uma constante em minhas investigações e se o arcabouço da semiótica de Charles S. Peirce em articulação com teóricos da arte e da antropologia eram a fundamentação teórica de meus estudos, na tradução do verbal na pintura, a gestualidade propôs uma ponte que me levaria à semiótica de Algirdas J. Greimas, em especial, com a leitura de *Conditions d'une sémiotique du monde naturel* (1970), artigo que Arlindo Machado me apresentou quase no final do doutorado.

Esses passos da titulação pós-graduada com a iluminação dos objetos de estudo escolhidos me conduziram a empreender uma nova trajetória de formação semiótica mais centrada nos estudos estruturais dos procedimentos de construção do sentido com um projeto de pós-doutorado na École de Hautes Études de 1990 a 1991, com a supervisão de Algirdas J. Greimas, e de 1992 a 1994, com a de Eric Landowski.

A semiótica foi a única culpada de me fazer dar todas essas voltas que me conduziram a encontrar caminhos para tratar a relação entre as linguagens, tanto pela denominação de sincretismo do plano da expressão como também para investigar os mecanismos da tradução intersemiótica, intertextual e interdiscursiva de várias manifestações em distintas expressões, como, principalmente, na análise dos arranjos plásticos distribuídos ritmicamente na topologia de manifestações várias, das artes, das mídias e das práticas sociais que estão ao longo de minha trajetória investigativa.

A resposta que todos certamente adorariam ler, ainda que de modo breve... O que é semiótica?

Enquanto a semiótica de Peirce e a semiologia de Barthes estão voltadas para os sistemas de signos, a semiótica de Greimas ocupa-se do processo, ou seja, dos usos dos sistemas empregados pelos sujeitos na construção discursiva. Todo o arcabouço edificado por Greimas e seu grupo de colaboradores traça o percurso dessa geração do sentido, passando pelos níveis das estruturas semionarrativas, nível fundamental, às estruturas discursivas, nível superficial. Greimas e Barthes foram contemporâneos e foi da leitura de F. de Saussure e L. Hjelmslev radicalmente distintas que esses colegas, nos anos 1950, na universidade de Alexandria, partiram para a construção de uma disciplina mais ampla que a Linguística, que se ocupa das manifestações da linguagem verbal, que então passou a ser um ramo dessa teoria geral. Pelos caminhos desses leitores criadores, a semiologia e a semiótica estavam seguindo, a primeira, a abordagem dos sistemas de signos, e a segunda, a dos processos de significação e dos processos comunicacionais. A semiótica se ocupa dos mecanismos de apreensão e construção do sentido, em especial, do sentido da vida para os viventes no aqui e agora e de seus contextos existenciais.

Seus primeiros estudos foram realizados na semiótica peirciana. Como você se envolveu com a semiótica greimasiana ou semiótica francesa?

Na sua primeira questão, eu alinhvei essa resposta em termos da minha formação, mas como investigadora, o que me interessava eram as manifestações expressivas, os discursos com a sua organização que me permitiam pôr a mão na massa em busca de sua montagem para significar o que significam. Apaixonada pela visualidade que me rodeia, era essa busca do sentido que eu procurava descrever os mecanismos de estruturação, em especial, do plano da expressão das diferentes manifestações. Encanta-me adentrar nas sintagmáticas produzidas a partir de escolhas paradigmáticas em busca de como as totalidades de

sentido são elaboradas pelo sujeito destinador que tem como alvo o seu destinatário com o qual interage o tempo todo para fazê-lo saber, fazer e sentir o constructo significante. Poder mostrar a construção do sentido com um método rigoroso que a teoria semiótica propõe é poder descobrir a cada etapa a força iluminadora do objeto semiótico do qual me ocupo, que se mostra indicando ao pesquisador como o abordar, do que lançar mão da teoria para mais dar a ver os mecanismos da construção significante. E ainda trabalhar na conceituação quando o objeto, testando o arcabouço teórico-metodológico, exige novos fundamentos.

E a sociossemiótica?

Foi dessa procura das interações entre destinador e destinatário, sujeitos de carne e osso fora das manifestações textuais, e entre enunciador e enunciatário, sujeitos da enunciação intrínsecos aos discursos, que os vários tipos de *processos interativos* que a sociossemiótica dá conta é que essa teoria da interação social me fisgou. Nos primeiros contatos com a teoria semiótica, estudei como as vitrinas das lojas de uma pequena rua de Paris, a Rue Bréa, construía as redes interativas entre ponto de venda e passantes. Na montagem dos regimes de visibilidade, estavam tanto os distintos arranjos de distribuição dos elementos da plástica visual no espaço quanto as materialidades diversas que criam ambientações, tornam visíveis as propriedades do produto, enfim, matérias que, com suas texturas, formas e cores, dão sentidos aos mundos montados para os objetos neles existir e estabelecer nas vitrinas ou nas prateleiras, gôndolas, os modos de interação entre loja e passante, entre produto e consumidor, entre atendente e cliente. Os modos de interação explicitam os arranjos dos processos de construção do sentido enunciado pelo enunciador ao enunciatário. Define-se então a sociossemiótica como teoria da interação social, e como a sociedade é um complexo de ações em vários âmbitos, a sociossemiótica ocupa-se, pois, da semiotização da vida social. Não distingo semiótica e sociossemiótica porque o que estudamos são as produções culturais de uma dada sociedade, seja literária, escultórica, parietais dos pichadores e tantas mais.

No ato mesmo de as práticas comerciais processarem tipos de ocorrências significantes como *acidentes estéticos* para despertar a atenção dos passantes e os tirar de suas rotas, tratando da sintaxe da visualidade, fizeram-me também explorar os arranjos plásticos desencadeados a partir das diferentes materialidades usadas pelos pontos de venda tanto na sua ambientação quanto na montagem da vitrina, nas quais eram investidos procedimentos sensíveis e inteligíveis com livre trânsito de passagens entre eles. Específico dessa materialidade que me abriu para essa abordagem metafóricamente foi uma porta de *blindex* transparente de uma *boulangerie* de esquina que, na passagem do pedestre, impulsiona da pelo movimento captado por sensores cuidadosamente distribuídos na trajetória de sua frontalidade, ela abria-se automaticamente surpreendendo o passante pelo exalar do perfume das fornadas de pães, de tortas que desviavam a direção da face para orientá-lo para o interior da padaria pelo encadeamento do olfativo ao visual. A virada do rosto acompanhada da mudança de ritmo dos passos promovia um encontro estésico sensibilizador dos sentidos do sujeito ainda do lado de fora da padaria.

De 1993 até a atualidade, as pesquisas sobre os procedimentos estéticos tornou-se um tópico constante de minha investigação quer nos enunciados acabados³, quer nos enunciados em situação, quer nos das experiências vividas. Explorei variados tipos de encontros sensíveis, como os com as obras de arte⁴, dentre essas não só com as pinturas⁵, mas também as instalações contemporâneas⁶, e ainda os encontros dos sujeitos com as coisas e os objetos do mundo, a exemplo da criança que encontra o estrondoso, molhado, salgado e revolto mar e essas impressões sensíveis que a fazem *re-sentir* os sentidos desse encontro⁷; ou ainda do leitor que encontra o jornal que assina e o recebe em casa e, ao longo do tempo, essa mídia impressa se torna a sua companhia do café da manhã e, entre esses dois sujeitos, desenvolve-se no contato corpo a corpo um encontro como hábito de leitura do jornal, que é cultivado pelo sentido que este produz, pelo sentido que essa leitura reitera ao sujeito que se prepara em uma nova manhã para o outro dia que começa⁸; ou as técnicas de pintura como guache e nanquim, que são empregadas no projeto gráfico de um livro infantil que, usado o guache na página da direita, e o nanquim na da esquerda, cada uma dessas expressões diferentes caracteriza, pelas suas qualidades matéricas, eidéticas e cromáticas na topologia da página, a figuratividade e a plasticidade de um dos actantes: o guache, a actante menina com a soltura de sua livre imaginação e seu viver aventuras, e o nanquim, os actantes pais com todas as regras e os controles com que ordenam o mundo e seu viver prudente⁹. Essas escolhas teóricas e tomadas de posição metodológicas muito se aprofundaram a partir do meu contato com a última obra de Greimas enquanto autor único que traduzi para o português, *Da imperfeição* (1987)¹⁰. Sem dúvida, os tantos desdobramentos de pesquisa que esse livro incita, fazendo-o ser tratado como obra testamento que anima tantos novos rumos da pesquisa semiótica pelos seus novos direcionamentos, vigoram até a atualidade.

³ OLIVEIRA, Ana Claudia de. A estesia como condição do estético. In: LANDOWSKI, E.; OLIVEIRA, Ana Claudia de. *Do inteligível ao sensível*. Em torno da obra de A. J. Greimas. São Paulo: EDUC, 1995, p. 227-236.

⁴ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Convocações multissensoriais da arte do século XX. In: PILLAR, Analice Dutra. (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 85-98.

⁵ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Sentidos do corpo ou corpo sentido. In: ASSIS-SILVA, Ignacio. *Corpo e sentido. A escuta do sensível*. São Paulo: Ed. da UNESP, p. 229-246.

⁶ OLIVEIRA, Ana Claudia de. *A interação na arte contemporânea*. Galáxia, São Paulo, n. 4, 2002, p. 33-66. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1290/788>. Acesso em: 12 fev. 2021.

⁷ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Estesia e experiência do sentido. In: CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada. v. 8. n. 2, 2010. Disponível em: <http://seer.fcilar.unesp.br/casa>. Acesso em: 12 fev. 2021.

⁸ OLIVEIRA, Ana Claudia de. *A leitura do jornal como experiência sensível*. Ampol., Campinas, 2006, p. 165-200.

⁹ OLIVEIRA, A. C. de. Repetição e diferença uma dupla face. *Farol – Revista do Centro Artes da UFES*, Vitória, 1999, p. 107-125.

¹⁰ GREIMAS, Algirdas. J. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2017.

Também é em *Da imperfeição* que Greimas postula que o vestir-se é uma atividade empreendida diariamente pelo sujeito que, com pequenos arranjos na aparência, pode fazer com que se desenvolva e se torne destinador de si mesmo na medida em que é ele e não um destinador externo quem escolhe esses arranjos. Que mostra como se fazer presente ao mundo sem um comando que o obriga ou que o faz querer arrumar-se desse ou daquele modo, seguindo os ditames da moda ou de algum grupo social, esse sujeito passa a descobrir por si como agregar gradientes de sentido ao seu parecer para ativar a sua significação. Afirmando que vestir é *coisa séria*, Greimas reflete que, no que é tão pouco mostrado, o sujeito elabora as suas escolhas paradigmáticas a fim de compor a sua sintagmática com a qual se dá a ver. Percurso de ensaio e erro, de hesitações, no qual ele pode se tornar sujeito de suas escolhas e, assim, destinador de sua aparência.

Na abordagem do estilo definido a partir das reiterações de escolhas que se tornam características marcantes de um modo de fazer, assim como do cultivo de dada ação que passa a definir um gosto. Nesta perspectiva, explorei as ações do Supermercado Pão de Açúcar¹¹ estrategicamente estudadas para instalar nos seus clientes determinados gostos por novos produtos que foram introduzidos nas gôndolas e prateleiras com o propósito de tornar conhecidas essas matérias-primas, assim como modos de prepará-las a fim de que, na duração dessa estimulação educativa por meio de narrativas da revista *Sabor Pão de Açúcar*, os produtos passassem a integrar o gosto do público-alvo. Em outro viés, o gosto de beber café degustando sensivelmente as características da bebida, tratei como uma escolha de “bom gosto” de beber café¹², explorando a estesia da bebida. Do mesmo modo analisei, resultante de uma consultoria de uma marca de cerveja, como as campanhas de publicidade exploravam visualmente os modos de degustar a bebida de cada marca de cerveja do cenário brasileiro. Captando em zoom a consistência do colarinho branco e do líquido dourado borbulhante no copo previamente gelado, os modos de beber especificavam os bebedores de uma marca de cerveja dos de outras. Com todas as distinções caracterizadoras das diferentes marcas, o estudo mostrou que impera nas muitas degustações das cervejas um clima de sociabilidade de grupos variáveis de apreciadores¹³. Entre outros estudos mais, procurei desenvolver os efeitos de sentido estésicos que os hábitos e as degustações promovem na vida humana, aportando um modo de sentir a vida com uma determinada prática.

Por tudo isso, a sociossemiótica se tornou uma teoria laboratório de testagem dos fundamentos e métodos nas análises da apreensão e construção de sentido que levei a cabo na centena de dissertações de mestrado e mais de sessenta teses de doutorado que orientei,

¹¹ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Sabor de Sabor Pão de Açúcar, à luz da semiótica. In: *Caderno de textos: produção de sentido nas mídias*. Compós XII – Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003, v. 1, p. 56-74.

¹² OLIVEIRA, Ana Claudia. de. O bom gosto do café. In: FIORIN, José. L.; LANDOWSKI, Eric. *O gosto da gente, o gosto das coisas*. Abordagem sociossemiótica do gosto. São Paulo: EDUC, 1999, p. 235-250.

¹³ OLIVEIRA, Ana Claudia de.: LANDOWSKI, Eric. Entre o social e o estésico: análise de campanhas publicitárias de cerveja. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (orgs.). *O olhar à direita: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 105 -133.

produzindo bibliografia específica cada vez que os orientandos se aproximam de nós pelo que investigamos, desafiando-nos a novas testagens em novos objetos.

Eu me lembro de minha chegada ao Programa de Comunicação e Semiótica. Antes de me inscrever, fui perguntar para a professora Lucia Santaella, então coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, se eu poderia ali ter como objeto de pesquisa a moda. Ela então logo me disse que sim, claro! Que uma professora estava chegando de Paris e que se interessava pelo tema. O que significava para você voltar ao Brasil e ter orientandos com assuntos tão diversos para acolher em sua pesquisa?

Voltei do pós-doutorado na França e assumi a disciplina Teoria Semiótica do eixo das disciplinas fundamentais do PEPG em Comunicação e Semiótica no segundo semestre de 1994, e é vívida a lembrança que tenho dos orientandos que, pelos temas de investigação, me foram encaminhados pela coordenadora Santaella. Sandra Ramalho e Oliveira, minha primeira orientanda de doutorado, investigava objetos semióticos, entre os quais o design de frascos de perfume, dos quais estudou a plasticidade de suas formas, cores e materiais na topologia do objeto tridimensional que era tocado e mantido tatilmente entre as mãos, sentido olfativamente a sua fragrância enquanto o perfume era apreendido visualmente. Sylvia Demetresco, vitrinista renomada da rede de lojas da joalheria Rolex, debruçava-se sobre o seu fazer de vitrinista estudando os recursos manipulatórios que as vitrinas articulavam nos seus arranjos plásticos nos pontos de venda para seduzir os passantes a entrar em contato com o produto e com ele interagir. Esse fazer do discurso persuasivo, a fim de obter o convencimento e a decisão de compra, também explorava a sensibilização com modos de sentir o produto. Gilberto Kunz, designer gráfico, abordou projetos gráficos da mídia impressa analisando os seus recursos expressivos. Você, Kathia, que vinha da história e da sociologia da moda, pesquisou a relação entre a plástica do corpo e a plástica da roupa. Esses foram os meus primeiros orientandos e já me mostravam a diversidade de temas e de objetos que caberia dar conta ao longo dos anos de orientações. Cada cinco orientandos correspondem a um contrato de dez horas semanais que são todas inteiramente usadas, pois se um pós-graduando não produz, o outro o faz e o acompanhamento continuado se efetiva.

A diversidade dos objetos é englobada pela teoria semiótica e seu método rigoroso que possibilita iluminar a semiotização, uma vez que esta pressupõe que o objeto se mostre ao pesquisador que cabe se posicionar na *justa distância* para apreender como o abordar e assim articular os conceitos e procedimentos que reoperam a construção do sentido.

Os objetos diferentes só me desafiaram a encontrar na teoria a articulação conceitual que pudesse dar conta de uma escuta condizente de tantos falares. Esse foi e continua sendo o desafio que enfrento mesmo com mais de 150 teses e dissertações defendidas.

Na primeira disciplina que realizei com você quando ingressei no mestrado, o trabalho que desenvolvíamos era a análise dos afrescos da catedral da cidade de Arezzo de Piero della Francesca. Minha tarefa era analisar os trajes de cada um dos 12 afrescos, não apenas entendendo ou descrevendo cada tipo usado, que era o usual nas disciplinas relacionadas à moda, mas também, e especialmente, como traço plástico das pinceladas de tinta, da cromaticidade, assim como do ritmo dessa distribuição na topologia, como traço estruturante da configuração das cenas em que cada corpo ocupava e se posicionava. Formamos um grupo de estudo e a sala de aula se expandia nos diferentes interesses que as análises nos traziam. A análise da plasticidade. A questão da gestualidade e da arte sempre estiveram fortemente presentes em suas pesquisas e análises. A semiótica plástica da visualidade e a análise visual da plasticidade ganham com suas pesquisas um forte viés de estudos. Como alavancam estudos semióticos e quais as bases para as análises?

Essa resposta dei nas demais questões, mas há um tronco importante de direção do meu trabalho que se forma pela relação entre semiótica, história da arte e organização de linguagem dos objetos semióticos. Arezzo é uma cidade da Toscana muito perto de Urbino, localidade na qual se encontra o Centro Internacional de Semiótica, com muitos cursos de verão. Frequentei esses cursos, colóquios e seminários, e foram nessas ocasiões que pude conhecer e conviver com muitos semioticistas que aí se reuniam regularmente. A elaboração da primeira disciplina que ministrei no meu retorno do pós-doutorado propunha essa interligação interdisciplinar entre as áreas convocadas pelo objeto de estudo, no caso, um enunciado em situação, na Basílica de São Francisco de Assis, de Arezzo, composto pelos painéis pintados por encomenda a Piero della Francesca sobre a legenda da Santa Cruz e a questão de tradução intersemiótica do verbal para o pictórico arquitetural. Com um amplo espectro de temas, os painéis articulavam áreas do saber, como a arquitetura, pintura, histórias da arte, dos materiais, a própria história humana e a semiótica, que se propunha, como uma articuladora da produção de sentido, analisar o complexo enunciado. Com a diversidade de formação dos alunos da PUC-SP, pudemos reoperar muitos desses atravessamentos convocados pelos painéis da pintura, montamos maquetes para situá-los na arquitetura interseccionado uns aos outros, marcando as entradas de luz e como atuam sobre as pinturas e demarcando a altura do corpo humano mediano em relação às telas; exploramos as texturas das vestimentas pintadas e como as roupas montavam os delineamentos dos corpos vestidos. Esses foram recursos para enriquecer a abordagem por uma semiotização do percurso pela nave, reoperando as interações com os painéis da legenda da Santa Cruz. Era fundamental a tentativa de transpor os alunos para o contexto, uma vez que eles não haviam estado em Arezzo e esse estar integrava o objeto de estudo, o que justifica a tradução da visitação como recurso metodológico para situá-los nas posições para ver. Localizados, partimos para a análise das plásticas pictóricas e vestimentares.

Os principais estudiosos da plástica da visualidade pictórica foram Jean-Marie Floch, com a sua análise da obra de Wassily Kandinsky¹⁴, e Felix Thulermmann, com a análise de Paul Klee¹⁵. O contributo desses dois semioticistas tornou possível uma semiótica plástica, como uma vertente da teoria geral voltada ao estudo do plano da expressão das manifestações da pintura, mas também a plástica de outras visualidades, como o próprio Floch se ocupou tratando a plástica da fotografia, do design, da história em quadrinhos, do total *look* Chanel, entre outras mais. Encontra-se sistematizada a análise da plástica da pintura nos artigos *As semioses pictóricas*¹⁶ e *A dança das ordens sensoriais*¹⁷. Todo esse arcabouço foi usado na maioria das teses e dissertações que comentarei a seguir.

Juntas, discutimos e estruturamos a minha dissertação de mestrado: *Configurações de uma plástica: do corpo à moda* (1998). O que você, hoje, poderia dizer sobre a linguagem da moda?

Os corpos vestidos pelos distintos sujeitos tornaram-se meu interesse desde o princípio desses anos 1990. Quem veste o corpo, o sujeito mesmo ou outros destinadores que atuam sobre quem se veste? Essa problemática do destinador que faz o sujeito vestir-se foi o ponto central para eu abordar: i) os que se vestem para enfrentar o mundo nas suas tarefas e têm um uniforme ou criam uma roupa uniforme em função das tarefas que realizam (jeans e camiseta é um bom exemplo e essa escolha nos conta toda uma narrativa do que é hoje uma composição vestimentar básica); ii) os que se vestem para estar como todo mundo e não se diferenciar do grupo para poderem se sentir integrados; iii) os que buscam distinguir-se pelas vestimentas dos outros de seu círculo social; iv) os que se vestem para se sentir bem no seu próprio corpo vestido e, ao se vestir, vão descobrindo um modo estésico de conforto e aprazimento; v) e os que quebram todas as regras com improvisações e vestimentas inesperadas etc.

Então, os modos como os corpos vestidos integram a presença do sujeito no social foi um tema que me interessou desde as minhas pesquisas iniciais e abordei como na movimentação dos corpos vestidos circulam os valores de épocas, os tipos de regras que os submetem, as volições capazes de serem aguçadas, o contágio entre os corpos e toda sorte de imprevisibilidade que promovem mudanças e transformações na aparência. Enfim, interessei-me pelos tipos de corpos que são adotados em uma sociedade e os que são negados e invisibilizados, assim como os procedimentos capazes de os liberar das amarras das normas e das modas e os levar à descoberta de si e até à sua reinvenção.

¹⁴ FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*. Pour une sémiotique plastique. Paris: Hadès-Benjamins, 1985.

¹⁵ THÜRLERMANN, Felix. *Paul Klee, analyse sémiotique de trois peintures*. Lausanne: Age d'Homme, 1982.

¹⁶ OLIVEIRA, Ana Claudia de. *As semioses pictóricas*. Face, São Paulo, 1994, p. 94-135. PUC-SP: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Semiótica, 1994, p. 94-135, republicado e reformulado. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (org.), *Semiótica plástica*. São Paulo: Hackers, 2002, p. 115-158.

¹⁷ OLIVEIRA, Ana Claudia de. *A dança das ordens sensoriais*. In: DORRA, Raúl; LANDOWSKI, Eric; OLIVEIRA, Ana Claudia de. *Semiótica, estesia, estética*. São Paulo-Puebla: EDUC-UAP, 1997.

Esses corpos mudam, em grande parte, em razão das roupas e foi essa articulação de base que explorei. Na sua dissertação, o que buscávamos era tratar dos usos da linguagem do corpo e da moda nos distintos períodos históricos. Como essas duas linguagens interagiam e se intersemiotizavam. A importância da intersemiotividade você explorou e chegou a uma tipologia em que mostrava a moda sobrepondo-se ao corpo até a sua desconfiguração (lembro-me dos distintos tipos de enchimentos dos ombros e que também nós usamos ombreiras), ao contrário, em outras épocas, nas quais o corpo sobrepõe-se à moda. A materialidade dos tecidos e os procedimentos de confecção mostraram também os seus papéis nas diferentes configurações. Todos esses procedimentos dos arranjos das plásticas você, astuciosamente, com o seu domínio da história da moda, pôde caracterizar como eles marcam etapas da sociedade ocidental, pois foi o *corpus* de obras que estudamos. A semiótica mostrou o seu papel ao permitir traçar as homologações entre a plástica do corpo e a plástica da moda. Mostrou como cada estética é formada pela configuração dos elementos selecionados do sistema em dado arranjo da figuratividade que homologa a plasticidade, trazendo nela instalados temas, valores, narrativas.

Começamos uma parceria de escrita de uma série de capítulos para a editora Perspectiva, cujo objetivo era correlacionar os períodos históricos dos grandes movimentos artísticos às manifestações da moda, no mais das vezes da moda dos corpos vestidos pintados, mas também dos corpos vestidos das ruas. Muito me valeu para desenvolver essa abordagem os estudos da figuratividade e da plasticidade como tradução intersemiótica. Um trabalho que publiquei em francês no livro organizado por Giulia Cerriani e Roberto Grandi que traduzi anos depois para o português¹⁸. Do tratamento dos modos de vida e suas modas em dada periodicidade, escrevemos juntas, para a Coleção Stylo, o Classicismo¹⁹. Depois, prossegui sozinha esse projeto como desafio do inesquecível editor Jacob Guinsburg, que amava o corpo, a roupa e a moda por sua participação na cena do teatro, sua grande paixão, e fez a caracterização da plástica da roupa e seus tipos de imbricamentos com a plástica do corpo no Naturalismo²⁰, no Expressionismo²¹, no Surrealismo²² e na Pós-Modernidade²³. Talvez

¹⁸ OLIVEIRA, Ana Claudia de. La peinture nella moda. In: CERIANI, Giulia; GRANDI, Roberto. (A cura di). *Moda: regole e rappresentazioni: il cambiamento, il sistema, la comunicazione*. Milão: FrancoAngeli, 1995, p. 300-310. Trad. Ana Claudia de Oliveira. *A moda-pintura*. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 4, 1998, p. 57-75.

¹⁹ OLIVEIRA, Ana Claudia de.; CASTILHO, Kathia. Moda e Classicismo. In: GUINSBURG, Jacob. *O Classicismo*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 317-345.

²⁰ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Esboços da Metrópole: comércio, consumo, moda e modos de vida no Segundo Império. In: GUINSBURG, Jacob.; FARIA, João R. *O Naturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 63-87.

²¹ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Expressionismo como modo de vida e moda. In: GUINSBURG, Jacob. *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, p. 543-574.

²² OLIVEIRA, Ana Claudia de. Surrealismo e a transversalidade do sentido nos modos de vida e de modas. In: GUINSBURG, Jacob. *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 655-707.

²³ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Espaços-tempos (pós-)modernos ou, na moda, os modos. In: BARBOSA, Ana M.; GUINSBURG, Jacob. *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 473-531.

um dia ainda eu consiga articular esses capítulos em um só livro como prometi a Jacob, mas por ora preciso tratar ainda algumas periodizações que faltaram, como o Romantismo, o Cubismo, entre outras.

Como vê, Kathia, responder às suas perguntas me faz elencar o que estou devendo, o que comecei e tem ainda muito a ser feito. Mas, em termos da pesquisa de fundo, explorei em todos esses capítulos as caracterizações plásticas da roupa regidas por esteticidades várias nos modos de arranjar no plano da expressão e no plano do conteúdo a axiologia, seus atores, temporalidade e espacialidade. Pautada no tratamento da plástica, mostrei que não se tratava só de eidos e cromatismo distribuídos nas topologias tridimensionais do corpo vestido nas várias situações e circunstâncias, mas também de como cada articulação plástica e rítmica participa da conformação do total *look* de cada estilo que se determina a partir de reiterações da composição visual. Em “moda-pintura”, ênfase na história da moda compreender como o ritmo é o articulador da incessante operação de tradução que caracteriza as intersemiotizações do corpo vestido. Ao relacionar o corpo à roupa e a roupa ao corpo, considero-os como dois adjuvantes da formação subjectal que, atuando juntos, edificam os modos de estar e de ser do sujeito nas suas performances várias no contexto social.

Desse conjunto de semiotizações do corpo vestido e da semiótica da moda²⁴, procurei marcar as diferenças entre esses dois campos e a minha concentração de estudo não está na análise de estilistas, marcas, produtos, mas nas variações dos arranjos do corpo vestido em suas múltiplas atuações na vida corrente. Compreender nos arranjos do elaborar a *toilette* sob portas fechadas, como referiu-se Greimas tratando do que então era uma preparação no privado, é a operação que cada um empreende na construção de si enquanto sujeito de ação com uma determinada atuação no social. Com essas escolhas, eis o que elegi como centro do meu trabalho.

É importante dizer que, desde então, você esteve sempre presente também na área da Moda. Percebeu a necessidade de edificação e de implementação de procedimentos científicos e permaneceu próxima como conselheira desde o surgimento do Colóquio de Moda, assumiu um GT que funciona anualmente, a cada evento, até hoje, com diferentes parceiros. Pergunto: quantas dissertações e teses você orientou na área da Moda? Quais foram ou são os objetos/temas de investigação na Moda hoje no Brasil que impulsionam maior interesse de pesquisa?

O I Colóquio de Moda foi realizado na minha cidade natal: Ribeirão Preto, no Centro Universitário Moura Lacerda, no ano de 1995. Maria de Fátima Mattos e você eram as organizadoras do evento e convidaram-me para a conferência *Moda e identidade brasileira*. Nasceu desse I Colóquio de Moda o meu compromisso com esse campo do saber que rabiscava a sua caminhada para construir-se enquanto um conjunto de áreas interdisciplinares que tecem a complexa formação do profissional de moda. Engajei-me em uma luta tanto da Área

²⁴ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Por uma semiótica da moda. In: CASTILHO, Kathia; GALVÃO, Diana. *A moda do corpo, o corpo da moda*. São Paulo: Esfera, 2002, p. 126-134.

de Pesquisa na Capes e CNPq como das Faculdades de Moda que formavam as suas estruturas curriculares e debatiam as disciplinas teóricas e práticas. São mais de 25 anos de uma edificação que viu a semente brotar, crescer o tronco e seus galhos frondosos transformados em duas centenas de faculdades de moda e, o principal, em linhas de pesquisa com vasta produção bibliográfica debatidas em fóruns científicos que reúnem pesquisadores seniores, os recém-doutores, pós-graduandos em formação e os que trilham a iniciação científica. A instituição de critérios de representatividade das problemáticas investigadas na área e de pertinência e relevância em nosso contexto social se tornaram uma caracterização dos trabalhos. O principal é que toda essa busca de cientificidade caminhou junto à harmonia do grupo de participantes que interagiu construtivamente, movido por afinidades e sonhos. Poucas áreas se constituem assim como resultante do somatório de saberes interdisciplinares como foi o caso da Moda no Brasil.

Estar no Colóquio a cada ano estava na minha agenda. Sempre foram muito instigantes os Fóruns das Escolas de Moda que apresentavam questões de grande pertinência para o ensino, engajavam criadores de moda, artesãos de objetos diversos, professores de tantos locais do vasto Brasil e pesquisadores de Moda: eis uma diversidade que cresceu! Acompanhei muitos colegas do Colóquio de Moda cursando a sua formação pós-graduada, alguns na própria PUC-SP pois, além do PEPG em Comunicação e Semiótica, a minha Instituição recebeu e recebe alunos nos PEPGs em História e em Psicologia Social. Tenho muito orgulho de ter estado com esse grupo batalhando por um campo que se firmou e que tem no Brasil linhas de pesquisa que se entrecruzam e dialogam para a formação de profissionais em vários campos de ação, sempre com a pesquisa no seu fazer.

De sua orientação de mestrado, passando pela de seu doutorado, orientei na perspectiva que estamos conversando bem mais de cinquenta dissertações e teses. No volume 3, número 6, de julho de 2009, nas páginas 58 a 72 da revista **dObras**, publiquei o artigo *Corpo, roupa, moda nas inter-relações semióticas da comunicação*, no qual tratei na década passada esse tópico que terei então de atualizar.

O ponto de partida foi a vertente da inter-relação entre o corpo e a peça vestimentar ou acessório tratando como a articulação intersemiótica é processada. O seu mestrado, Kathia, é de 1998 e trabalhou na determinação das *Configurações de uma plástica: do corpo à moda* em uma larga periodicidade. Neste mesmo eixo segue a abordagem dos tipos e modelos de suíças que Claudia Valentin Garcia explorou em sua dissertação *Estudo semiótico das lingerie na construção dos regimes de visibilidade da mulher brasileira: conceituações do formante matérico* (2004); dos usos da camisa masculina que Larissa Ortiz Costa abordou as várias configurações do corpo em *Comunicação e valores do masculino: a construção da identidade na relação entre corpo e moda* (2007); do uso do *corset* e as coerções que essa peça exerce no corpo que Marília Jardim abordou em *O corset na moda ocidental: um estudo sociosemiótico sobre a constrição do torso feminino do século XVIII ao XXI* (2014); Jorge Godoy de Oliveira analisou *Lojas online de camisetas estampadas: interação e sentido* (2015), partindo do estudo da camiseta como uma peça vestimentar que deixou de ser usada por baixo da camisa e ganhou exterioridade e vida própria com a formação identitária de grupos de usuários.

No que tange à abordagem de criadores de moda, buscando determinar seus traços estilísticos, orientei o mestrado de Maria Carolina Garcia Geraldi sobre a criação de Ronaldo Fraga, intitulada *Moda e identidade na contemporaneidade brasileira: uma análise das coleções de Ronaldo Fraga* (2001); o mestrado de Lígia Salles sobre Lino Villaventura denominado *A identidade da marca Lino Villaventura na moda brasileira* (2004). Patrícia Bittencourt Rudge desenvolveu a semiotização de sapatos da marca francesa *Christian Louboutin: pés femininos vestidos com distinção* (2014), partindo da análise plástica dos calçados e seus modos prescritivos de fazer ser e estar no mundo e das estratégias de pertencimento a um seletivo grupo social. Nesse escopo de calçar os pés, eu mesma analisei os usos da sandália que publiquei em dois números de **dObras**²⁵.

Nas páginas impressas das mídias revistas foram muitas problemáticas que orientei. Letícia Nassar Matos Mesquita tratou como a revista *Nova*, de 1973 a 2000, constrói a masculinidade nas seções *Reportagens* e *O ponto de vista dele*, na dissertação *A construção de homens e mulheres na revista Nova: um olhar sociosemiótico* (2003); Maria Paula Piotto Guimarães investigou a identidade feminina nos textos verbo-visuais-espaciais da mesma revista, buscando analisar como se dá a produção de sentido a partir da relação intersubjetiva em *Nova: 30 anos da mulher de 30* (2006). Murilo Scoz, em *Explícitos engodos: desejo e erotismo na ausência do corpo* (2006), mostra nas situações de ausência do corpo no enunciado publicitário como elementos indiciais de um simulacro ausente constroem referências a elementos sexuais por um simulacro desse simulacro. Simone Bueno da Silva explorou na dissertação *A construção do corpo na mídia semanal* (2007) como as representações do corpo nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ* deixam entrever a construção identitária do sujeito contemporâneo. Rosane Schmitz Fernandes analisou os valores da sociedade nos croquis de Afonso Penna nos anos 1950: *Revista O Cruzeiro: Alceu Penna e os figurinos de moda* (2009). Caroline Suellen Cardoso abordou nas capas das revistas *Claudia*, *Criativa*, *Marie Claire* e *Nova* as *Narrativas da sexualidade e suas prescrições revistas* (2010), mostrando como a mídia uniformiza os comportamentos e o próprio ser mulher com as suas prescrições. Sílvia Sampaio de Alencar desenvolveu *Prostitutas reconfiguradas: artimanhas da marca Daspu na visibilidade dos meios impresso e digital* (2012). O doutorado de Adriana Tuglio Baggio: *Mulheres de saia na publicidade: regimes de interação e de sentido na construção e valoração de papéis sociais femininos* (2015) nos contextos do mundo do trabalho e da vida social. Taísa Vieira Sena estudou as publicidades de perfumes a partir dos valores de feminilidade e masculinidade instalados nos cromatismos, eidos da figuratividade da publicidade que fazem sentir esteticamente as notas do perfume em *Análise semiótica da estesia mediática nas publicidades impressas de perfume de luxo na Vogue Brasil* (2015). E, por fim, Mariana Braga investigou a moda além das vestimentas a partir do consumo de produtos em circulação nas revistas *Fon-Fon*, *O Cruzeiro* e *Manchete* em *Moda e modos de consumo no Brasil do século XX: revistas e a construção de aparências* (2015).

²⁵ OLIVEIRA, Ana Claudia de. No arrasto das sandálias reinvenções de um modo de vida. **dObras**, v. 3, n. 7. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 33-37; No arrasto das sandálias reinvenções de um modo de vida II. **dObras**, v. 4, n. 8. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 67-69.

Como se pode depreender a associação do fazer consumir um gosto, um estilo, uma moda, um produto pelo impulsionamento do discurso persuasivo em associação ao discurso sensível²⁶ a fim de promover o convencimento do mecanismo que torna a publicidade e a mídia os principais motores da sociedade de mercado. Liana Costa explorou a *Revista Elle Brasil: da mídia impressa à transmídiação* (2016), buscando compreender como essa revista feminina redimensiona os mecanismos de enunciação em múltiplas plataformas. O objeto escolhido foi o comportamento de cada mídia na cobertura da SPFW N41.

Na mídia televisão também foram muitos os estudos do corpo e da roupa na caracterização das personagens na trama narrativa. Na telenovela da Rede Globo, *Novela das oito e suas estratégias de textualização. Terra Nostra: a saga ressemantizadora* (2001), Ana Silvia Médola Davi se debruçou sobre os modos de estar dos actantes e como seus corpos são mostrados em atuação nos vários papéis e contextos. Carlos Augusto Alfeld Rodrigues desenvolveu, em *Os gostos de Superbonita e Contemporâneo no GNT na formação de identidade do feminino e do masculino*, como os simulacros do feminino e do masculino estão inscritos nos actantes nos seus modos de fazer e de atuação para serem vistos e sentidos esteticamente pelos modos de andar, falar, vestir-se, pentear-se, gesticular, entre outros (2008). Mirella Pereira Diniz Luiggi Oliveira analisou em *A Pedra do Reino: romance epopeico audiovisual – personagens e figurinos* (2010) o papel dos elementos constitutivos do figurino na caracterização dos modos de presença dos actantes e como o corpo vestido faz ser, fazer, saber, poder e fazer sentir os actantes no todo narrativo. Regilene Sarzi, na tese *Regimes de visibilidade do corpo fragmentado e construção de sentido e interação na videoarte brasileira* (2012), pesquisou no contemporâneo a construção de simulacros do corpo fragmentado e sua atuação subjetal.

Dos estudos das mídias sociais, Graziela Rodrigues tratou *Blogs de moda e beleza: espaço mercadológico de interação sentido e axiologias* (2013). Em um fazer-consumir junto, analisa as interações das blogueiras e leitoras de Elfinha e Vende na Farmácia e como os modos de consumir fazem ser a consumidora.

Mencionei a orientação de Sylvia Demetresco, que entrou para o mestrado, mas como tinha produção bibliográfica de importância pelas normas da PUC-SP e da Capes, conseguimos que ela fizesse doutorado direto. A pesquisa sobre o ponto de venda e nele a vitrina foi um eixo muito importante dos estudos da visualidade e da visibilidade que estruturei no meu pós-doutorado com Greimas (1990-1991) e Landowski (1992-1994). Questões semióticas de grande importância que tratei em *Vitrinas acidentadas estéticas na contemporaneidade*²⁷, que hoje trataria também pela abordagem do estésico que constitui

²⁶ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Visualidade, entre significação sensível e inteligível. *Educação e Realidade*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 30, n. 2, jul./dez. 2005, p. 107-122.

²⁷ OLIVEIRA, Ana Claudia de. *Vitrinas acidentadas estéticas na contemporaneidade*. São Paulo: Editora EDUC, 1997.

o fazer sentir o sentido a partir dos arranjos sensíveis empregados na configuração de vitrinas. Sylvia Demetresco aborda esses mundos destrinchando-os em um conjunto de pontos de venda nos quais as vitrinas apresentam-se como arenas do fazer querer organizadas pelos procedimentos de sedução. A autora mostra como esses mundos criados estão sintonizados com a vida cultural da cidade e o que nela ocorre e os valores almejados e sonhados pela população que quer atingir. O universo de sedução é assim construído a partir dos mundos figurativizados a partir de estudados arranjos plásticos que são montados como mundos competencializadores dos passantes.

A semiotização de pontos de venda de produtos de moda e também de outros tipos de produtos foi cada vez mais interessando-me a partir dos tipos de interação que a loja e a vitrina armam como palcos possibilitadores de atuações, que conceituei de “práticas” promovidas e incentivadas por vários destinadores. Desde 2008, o conceito de “prática” orientava o projeto coletivo que coordenei intitulado *Práticas de vida da metrópole São Paulo e Roma. Regimes de visibilidade, regimes de interação, regimes de reescritura*, que foi financiado enquanto projeto temático pela Fapesp de 2010 a 2016. Como defini em *Interação e sentido nas práticas de vida*, prática é:

[...] um fazer cotidiano que caracteriza ações que se repetem, mas não de modo redundante que esvazia o sentido. A repetição de uma ação, de uma sequência delas dá-se no eixo sintagmático em intervalos temporais e manifesta um modo de presença que é definido pela constância acional na cotidianidade. Os traços recorrentes mostram o que permanece na dinâmica transformacional e esses promovem a identificação da prática. Como uma rede relacional de traços, a prática é decomponível e passível de ser reconstruída na análise de um lugar da cidade [...].²⁸

As práticas podem ser práticas de um indivíduo, de um grupo social ou, em maior escala, da população de uma cidade, de um país, de maneira que os estudos permitem compreender os modos de vida dos agrupamentos.

Esse direcionamento tornou-se um eixo de investigações englobando as práticas de consumo das lojas de rua e das passarelas cobertas dos shopping centers, que permitiu estudos comparativos entre as práticas de consumo de lojas de distintos bairros, como aquelas das ruas de comércio temático – rua Santa Ifigênia, de eletroeletrônicos; avenida Senador Queirós, de comércio de cordas, barbantes e lonas; rua Teodoro Sampaio, de móveis e instrumentos musicais; avenida Gabriel Monteiro da Silva, de móveis; entre outras – e as ruas emblemáticas do comércio de roupas e acessórios de moda de

²⁸ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Interação e sentido nas práticas de vida. *Comunicação, Consumo e Cultura*, São Paulo, v. 11, n. 31, 2014, p. 179-198.

São Paulo, como a rua São Caetano, de vestidos de noiva, e as tantas que foram estudadas por vários ateliês do CPS²⁹.

Na germinação desse projeto, contei com Cintia SanMartin Fernandes, que realizava comigo no PEPGCOS o seu pós-doutorado, e a futura mestrandia Jô Souza, que, juntas, desenvolveram *Galeria do Rock: um pequeno “alto lugar” como lugar de celebração, de comunhão, no qual a roupa e o corpo são um modo de partilha entre os frequentadores* (2008)³⁰. Depois, Cíntia SanMartin Fernandes, Jô Souza, Sílvia Regina de Jesus e eu estudamos juntas *O Conjunto Nacional na artéria da Av. Paulista: uma metonímia da cidade glocal* (2009). Quando o projeto temático foi implementado, passamos a investigar em parceria com universidades italianas La Sapienza e Tor Vergata, de Roma, realizamos vários estudos comparativos entre as duas megalópoles.

Orientei muitas investigações ligadas ao consumo da moda em diferentes segmentos. Nesse escopo, Jô Souza tratou em São Paulo de *Desfile de moda nos espaços da cidade: abordagem semiótica dos regimes de visibilidade, de identidade, de interação e de sentido* (2011), em que reflete sobre a escolha de um dado espaço urbano, como o Elevado conhecido como Minhocão, o Parque do Ibirapuera, para neles acontecer desfiles de moda que vão ser definidos pelas configurações do lugar e que passam a participar da constituição do sentido nos desfiles de Maria Garcia (SPFW, inverno/2010), Cavalera (SPFW, verão/2010), Fashion Mob (Casa dos Criadores/2010) e Karla Girotto (Fashion Rio, verão/2005). Maria Claudia Vidal Barcelos tratou *Regimes de sentidos em espaços temáticos paulistanos: consumo de móveis e objetos de decoração* (2014), estudando os modos de decorar a casa a partir de pontos de venda de mobiliário e decoração em que fundamenta o sentido largo assumido pelo conceito de moda. Carolina Santos Garcia explorou em *Lojas Marisa: moda e consumo popular*

²⁹ Esses ateliês publicaram, entre outros: ALENCAR, Sílvia S. de.; DEMETRESCO, Sylvania; LOPES, Jenara M.; ROVINA, Tatiana; RODRIGUES, Graziela. Entre o público e o privado nos shoppings centers paulistanos. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (org.). **São Paulo público & privado**. Abordagem sociosemiótica. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2014, p. 151-170. A (in)segurança nas ruas de comércio de moda Oscar Freire e José Paulino. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (Org.). **São Paulo público & privado**. Abordagem sociosemiótica. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, p. 171-188. RODRIGUES, Graziela; ROVINA, Tatiana. A São Paulo dos shoppings centers e os shoppings centers em São Paulo, um olhar para o consumo a partir dos regimes de sentido e de interação. In: MARTYNIUK, Valdenise. L.; OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Sentidos do consumo: os desafios do cenário contemporâneo à luz da semiótica de Greimas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017, p. 277-291. BARRETO, Vera Pereira; BRAGA, Mariana; CASTILHO, Kathia; DEMETRESCO, Sylvania; FYSKATORIS, Anthoula; MAIA, Raquel; MARTINS, Marcelo M.; SENA, Taisa V.; SOUZA, Jô. Comércio e consumo na Rua Oscar Freire. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (org.) **São Paulo e Roma. Práticas de vida e sentido**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017, p. 275-294. RODRIGUES, Graziela; ROVINA, Tatiana. O luxo e o Shopping Cidade Jardim: tão perto, tão longe. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (org.) **São Paulo e Roma. Práticas de vida e sentido**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017, p. 295-308. BARRETO, Vera Pereira; BRAGA, Mariana; COSTA, Liana; GARCIA, Carolina; JOSÉ, Márcio de Paula; ROZAN, Vanessa SALGADO, Kledir. Modos de fazer a moda em São Paulo. In: OLIVEIRA, A. C. de (Org.). **Semiótica do social**. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2018, p. 479-509. BONILHA, A. C.; MATUZAWA, C. Pontos de venda do Parque da Vila Madalena que fazem sentido pela axiologia brasileira. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (Org.). **Semiótica em contextos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2019, p. 285-310.

³⁰ Encontrado em **dobra[s]**, São Paulo, v. 3, n. 6, jun. 2009, p. 86-95.

(2016) como a rede de lojas Marisa, que veste os grupos sociais populares desde sua criação, passou por uma significativa transformação da sua estruturação enquanto ponto de venda de moda. Um destinador doador de competências de como se vestir, essa rede desenvolveu operações de aprendizagem da moda como um valor a ser cultivado. Ao ocupar a avenida Paulista, essa rede varejista, sem deixar de ser local e sem mudar seu público consumidor, passou por uma transformação de sua visibilidade no meio dos globais. Por sua vez, Jacqueline Zarpellon desenvolveu *Interações, sentidos e riscos no atacado de moda do Bom Retiro, São Paulo: a diferenciação da Rua Aimorés* (2017). Com 55% de lojas de moda feminina para atender lojistas multimarcas, essa rua comercial foi analisada como doadora de competências cognitivas e performáticas ao destinatário comprador multimarca de todo o país.

Desse eixo também surgiram muitas investigações do CPS das quais se distingue a do seu ateliê com os estudos sobre a rua Oscar Freire e os modos de os frequentadores nela estarem. Entre as teses estão as de Vera Azeredo Pereira Barreto, *Modos de vida enunciados nas lojas de moda esportiva na Oscar Freire: regimes de sentido e de interação nas práticas de vida de São Paulo* (2017), que tratou as lojas Track&Field, Adidas, Nike e Asics que formam o quadrilátero esportivo dessa rua representativa de práticas do consumo paulistano. Por sua vez, Mariana Braga Clemente, em 2020, defendeu o doutorado *Desfiles do cotidiano em ruas de São Paulo e Milão: os jogos de aparências na construção identitária*, sendo a rua Oscar Freire a representativa de São Paulo. Em 2017, Mariana Braga Clemente e eu publicamos “A pracinha Oscar Freire: moda, modos de vida e a sociabilidade consumida”³¹, que reflete a transformação de um estacionamento na emblemática Oscar Freire que se transfigurava aos sábados em um espaço de sociabilidade dos vários consumidores.

Ainda na perspectiva das práticas do consumo, Maria Cecília Magalhães tratou do comércio dos pequenos presentes da Sanrio estampados com a personagem Hello Kitty estudando como a marca funda, na aquisição e no uso de seus produtos, arquétipos sociais na dissertação intitulada *Small gift, big smile, mitologia do presente nas práticas e gosto do consumo* (2012). Lye Prando, em *O consumo do sentido: práticas de vida de Downton Abbey como discurso publicitário* (2019), identificou os mecanismos enunciativos, temáticos e figurativos apropriados pelo discurso publicitário para venda pelo site de mobiliário e objetos da casa, adornos vestimentares e joias, entre outros, que são investidos de valores de riqueza, tranquilidade, sofisticação. Ao longo da temporalidade das várias temporadas da série, são abordados os modos de comer como estilo de vida da aristocracia, em contraste com os modos das demais classes sociais que estão em formação na sociedade inglesa.

Entre os atuais orientandos, Helena Dib está desenvolvendo dissertação sobre a participação do figurino na construção da imagem do artista na indústria fonográfica brasileira e explora as estratégias do vestir que propiciam inovações na música e na moda. No doutorado, Maria do Carmo Paulino desenvolve como a moda afro-brasileira manifesta uma

³¹ MARTYNIUK, Valdenise. L.; OLIVEIRA, Ana Claudia de (orgs.). *Sentidos do consumo: os desafios do cenário contemporâneo à luz da semiótica de Greimas*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2017, p.295-313.

identidade negra indagando qual África é entre nós configurada. Valeska Moura estuda a expansão de grupos musicais da Coreia do Sul e como eles são frutos de uma destinação assumida pelo governo a fim de revigorar a tradição com reatualizações dela na atualidade, visando uma expansão do local ao global com criações de novos *looks* que exibem corpos vestidos transformados que passam a ditar sua aparência como moda.

Essas são, então, as linhas gerais de minha orientação de teses e dissertações de 1994 a 2021 no escopo temático do corpo, da roupa e da moda, explorado pelas intersemiticidades regimes de visibilidade, modos de construção da aparência e de que maneira suas constantes configuram a identidade e as práticas várias que se reiteram caracterizando o contexto. Procurei mostrar como essas investigações estão entrecruzadas com os meus projetos de pesquisa individuais e também com as pesquisas que, ao longo dos anos, fui desenvolvendo coletivamente nos vários ateliês do CPS que integro como participante.

Além das orientações e do Colóquio de Moda, questões relacionadas à moda, ao consumo, ao feminino e ao corpo em diferentes frentes estão sempre presentes nos grupos de discussão do Centro de Pesquisa de Sociossemiótica – CPS. Pode nos contar sobre o CPS e como funcionam os ateliês de pesquisa e estudo?

O Centro de Pesquisa de Sociossemiótica é um lugar de formação na teoria semiótica que se volta para o desenvolvimento de pesquisadores iniciantes e para o aprofundamento dos que já têm esse arcabouço como fundamento e método. Em pequenas nucleações, os ateliês avançam em semiotizações coletivas articulando os conceitos, o que torna o CPS um contexto para debates. Organizamos jornadas de pesquisas em andamento, ciclos de conferências, cursos diversos, além de um colóquio anual em que são apresentadas as pesquisas desenvolvidas pelos membros dos ateliês. Todo o propósito é subsidiar a construção coletiva da semiótica do social cada vez mais engajada com os regimes de sentido regentes da vida em sociedade.

Em todos os colóquios do CPS, já estamos caminhando para a realização do vigésimo sétimo, o corpo, a roupa e a moda estiveram presentes quer na caracterização de personagens ficcionais de telenovelas, filmes, séries, romances, fotografias, pinturas, entre outros, na visualidade de sujeitos na sua cotidianidade, no estudo do gosto, estilo, tendências de mercado, quer na caracterização das materialidades com suas texturas na constituição dos formantes das várias plásticas da expressão. O CPS é uma aposta em uma formação semiótica na qual a análise testa o tempo todo as conceituações e, assim, avança na formação de semiotistas críticos e engajados nas problemáticas da sociedade brasileira. O importante é fazer uma disciplina que possa servir e contribuir para a compreensão das produções de sentido e, deste modo, considero que se todos nós buscamos um viver significativo que faça a nossa vida *ter e fazer* sentido, já justificando a contribuição da teoria semiótica para os estudos do corpo, da roupa, da moda, da aparência, da identidade e dos modos e estilos de vida.

E quase chegando ao final desta entrevista, queria que você nos dissesse o que a semiótica agrega, como ela capacita o olhar, os estudos?

É, em primeiro lugar, assumir uma posição crítica no social. Semiotizamos os objetos de nosso contexto e essa escolha não é inocente. Por que queremos saber o processamento de sentido desse algo recortado? A escolha, necessariamente, se justifica a partir do ponto de vista assumido pelo investigador, da pertinência e representatividade de sua escolha em nosso meio social. Há muitos temas que não me interessam justamente porque lhes falta relevância social. Parto sempre de que a semiótica me ajuda a olhar o mundo, a situar-me nele e ela promove, assim, aproximações e distanciamentos com os objetos de pesquisa. Cultivar essa angulação crítica e engajada com a construção do sentido é um processamento de conquistas analíticas a partir de uma articulação conceitual que caracteriza a própria vida. Penso ser fundamental a vida fazer sentido ao ser vivida, pois é isso que nos significa na nossa comunidade de pares. Ao menos é isso o que me move a pesquisar, lecionar e trabalhar na formação de novos investigadores vindos de formações muito diferentes e que passam a ter a teoria semiótica como ancilar de sua apreensão e leitura de mundo.

Ana, o que você pode nos dizer sobre a importância da pesquisa, dos estudos de pós-graduação em nosso país?

A formação graduada tornou-se cada vez mais especializada e técnica/tecnológica. São poucas as formações em que a pesquisa integra de fato a estrutura curricular. Todavia, as mudanças com as metodologias ativas e os projetos interdisciplinares foram tentativas que você viveu na área de moda e sabe o quanto elas exigem em termos de abertura e disponibilidade para as outras áreas do saber e como o trabalhar em equipes transversais é ao mesmo tempo desafiante e enriquecedor. Considero que despertar o gosto pela pesquisa tem de ser iniciado já na graduação e a pós-graduação se torna assim cada vez mais uma opção de quem tem o gosto pela descoberta com rigor científico e meios para sistematizar o saber. A frequência de uma ambiência de pesquisa faz muita diferença em termos de instigação e testagem do saber. As reuniões científicas promovem essas vivências, mas, no dia a dia, são os grupos e centros de pesquisa que animam essa instigação desafiadora, criando fóruns de discussões e preparando os artigos para publicação dos resultados investigados. É uma sociabilidade que faz aprender com o outro e que exige muita colaboração e investimentos no compartilhamento. Cada vez mais, a comunidade de pesquisadores ganha importância e as trocas e os debates abrem novos caminhos que se alargam com a internacionalização, possibilitadora de contatos com interlocutores de múltiplas instituições e atividades de trabalho de pontos diversos que podem se cruzar e fazer juntos. Considero nessa trajetória os estágios pós-graduados no exterior, como a bolsa sanduíche do CNPq no doutoramento, extremamente importantes para se formar um pesquisador com redes de contatos. A experiência de doutorados em cotutela, que

é feito na instituição nacional e na de outro país estrangeiro, no qual o discente permanece na universidade conveniada 30% de seu curso, é uma experiência de abertura ao outro sistema pós-graduado bastante frutífero, assim como uma abertura à cultura do outro. Além de favorecer o domínio linguístico, beneficia igualmente o interculturalismo, destacando a importância das trocas de posições no mundo. Para tudo isso ocorrer, o país tem de ter linhas de financiamentos institucionais regulares, assim como esses recursos que podem vir da iniciativa privada de empresas que apoiam essas linhas de investigação. No entanto, essas verbas só têm decrescido nas agências de financiamento à pesquisa, em especial, para as das Ciências Humanas. Esse contexto de cortes de verbas é muito inquietante e ele vai tornar a pesquisa cada vez mais um desafio para que ela possa se manter atualizada e conveniada a de outros países. Nossa arma é resistir e resistir, para exigir mais redes de conexões entre universidade e sociedade.

Como, neste momento de pandemia, as instituições de ensino estão se preparando para manter o rigor científico, a pesquisa e a troca de conhecimentos?

A pandemia, que promoveu esse isolamento forçado de cada um em seu espaço privado, também fez com que os pesquisadores, professores e alunos trocassem bastante conhecimento nos diálogos à distância, favorecidos pelas tecnologias da comunicação. Acredito mesmo que houve uma impulsão do fazer junto a investigações com diferentes pares de distintas localidades. Essa é a realidade do CPS e da Pós-Graduação na PUC-SP. Não paramos de aprender como interagir para estar presente em tantas reuniões científicas. Não digo isso considerando apenas as *lives* isoladas, que acho que são mais exposições superficiais do que em profundidade, falo isso da alta qualidade das exposições e dos debates que tivemos todos internacionalizados nos colóquios, seminários e abordagens que fizemos remotamente. Assim, a troca de conhecimento manteve o seu motor ativado na pandemia e as instituições de ensino que fazem pesquisa foram levadas a investir na melhoria de seu parque tecnológico e o professor e o pesquisador foram levados a aprender como melhor usar os meios disponibilizados para fazer pesquisa tendo também que semiotizar novos objetos do próprio cenário diferenciado. Esse é um direcionamento irreversível e que não compete de modo algum com o que falávamos antes em relação à vivência de morar em outro país, frequentar os bancos escolares e as bibliotecas de instituições em outras línguas etc. Vamos ter de achar o prumo entre esses dois modos de presença no mundo e que apresenta desafios específicos que vamos ter de enfrentar.

Vi que o Programa de Comunicação e Semiótica agora tem aulas à distância. O que você pensa dessa situação que se impõe nessa nova realidade?

Essa presença digital, que possibilita o estar juntos à distância e por telas, é muito diferente do que se passa em uma sala de aula física, presencial, sem a mediação tecnológica. Mudam os modos de expor, de interagir, de discutir, a começar pelas mudanças de turno dos interlocutores e, principalmente, do se mostrar na tela, e essa maneira é muito cansativa,

não só para os olhos, mas para o corpo todo e, principalmente, pelo enfado de termos a centralização de todas as nossas atividades por essas mediações, por plataformas que têm constante interrupções ou paralisações de imagens ou áudio provocadas pelas falhas de conexão digital. Mudam-se os interlocutores, mas o contexto mediado por telas permanece o mesmo. Essa continuidade é desgastante demais, pois há a falta das tantas descontinuidades que modificam as interações a cada novo acontecimento. Parece que os passeios pela rampa, descendo-a ou subindo-a, que são marcados por tantos encontros com conhecidos e os vózeiros que despertam a nossa atenção, é mesmo sem igual, e acompanha todo o sentido de nossa entrada e saída da PUC-SP. O mesmo pode-se dizer da sociabilização nos corredores entre uma sala e outra, em que vamos falando com vários alunos como um rodamoinho passando. Outros espaços mostram essa sociabilidade intensa, como a “prainha”, aquela área de aglomeração entre o Prédio Novo e o Prédio Velho, ali na frente dos centros acadêmicos, onde tudo é congestionado e a movimentação dos corpos avança com lentidão em direção ao restaurante ou margeando a lateral do Tuca e do Prédio Velho, quando se sobe a rampa de acesso à universidade pela rua Monte Alegre. Esses todos são trajetos que nos revigoram, pois eles carregam a pulsação dos horários da universidade: trabalho e pausa, trabalho e pausa em uma contínua combinação sequencial. Como é saborosa a pausa do café com pão de queijo com um colega, com um aluno... Toda a intensidade dos contatos corpo a corpo promovem interações sociais que nos revigoram e esse estar nos corredores, no espaço coletivo da universidade é de muito relevo para o nosso desenvolvimento pessoal. Assim, vamos considerar que estamos em um intervalo do presencial e que essa ritmicidade do convívio e da sociabilidade vão voltar na Pós de Comunicação e Semiótica, nos demais cursos da PUC-SP e em outras instituições de ensino.

Você gostaria ainda de deixar algumas considerações aos nossos leitores?

A todos os leitores da revista **dObras**, gostaria muito de enfatizar, nesta última resposta, o meu privilégio de ter sido entrevistada por você, Kathia Castilho, que me conhece tão bem. Fui sua professora em muitas disciplinas, orientadora do mestrado e do doutorado, nessa trajetória nos tornamos colaboradoras, parceiras de tantas realizações de eventos e editoriais, sem dúvida, nos tornamos também amigas nessa caminhada.

Esta revista é muito especial e importante no âmbito das várias sessões que englobam os seus artigos. Por muitos anos, gostava de lê-la segurando o seu retângulo na vertical assim que a recebia saída da gráfica. Em todos os congressos internacionais em que havia mostra de revistas, eu a apresentava como uma conquista da área de moda no país e no mundo. *Uma revista de moda, mas não só, acadêmica, mas nem tanto*, esse slogan fazia o seu diferencial. Na versão digital, a revista conseguiu atender mais às várias exigências das avaliações sem ter deixado de ter as qualidades de ser uma revista de moda, *mas não só*. Afora todos os demais critérios, considero da maior importância os cuidados visuais e de diagramação que mostram um pensamento do design na manufatura de **dObras** desde o seu princípio. Que possamos mantê-la com todos esses cuidados que valorizam a área de moda no Brasil e o que ela tem para contribuir com os estudos do campo internacionalmente.